

Ema M

*The faculty of desire*

José Gomes Pinto  
Margarida Prieto

2023



Ema M

*The faculty of desire*

José Gomes Pinto  
Margarida Prieto

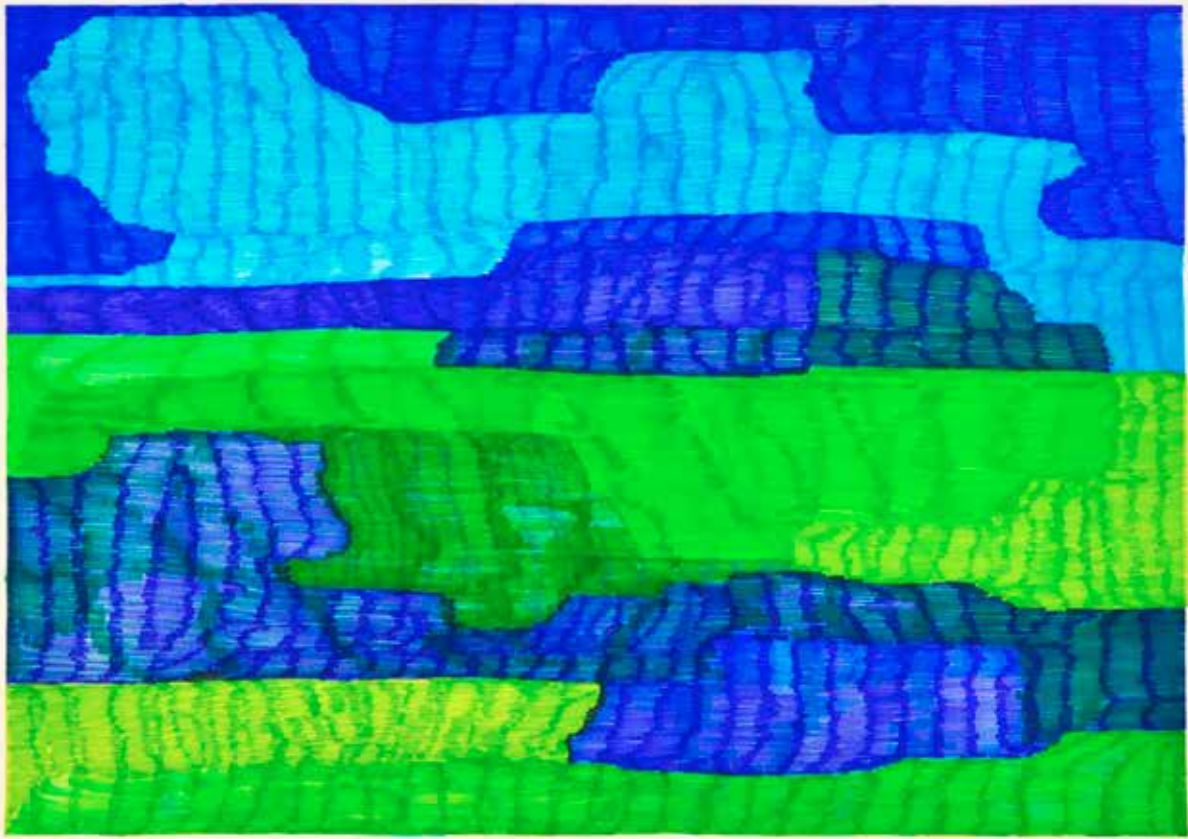
2023



*The faculty of desire*

*ema m 2022*





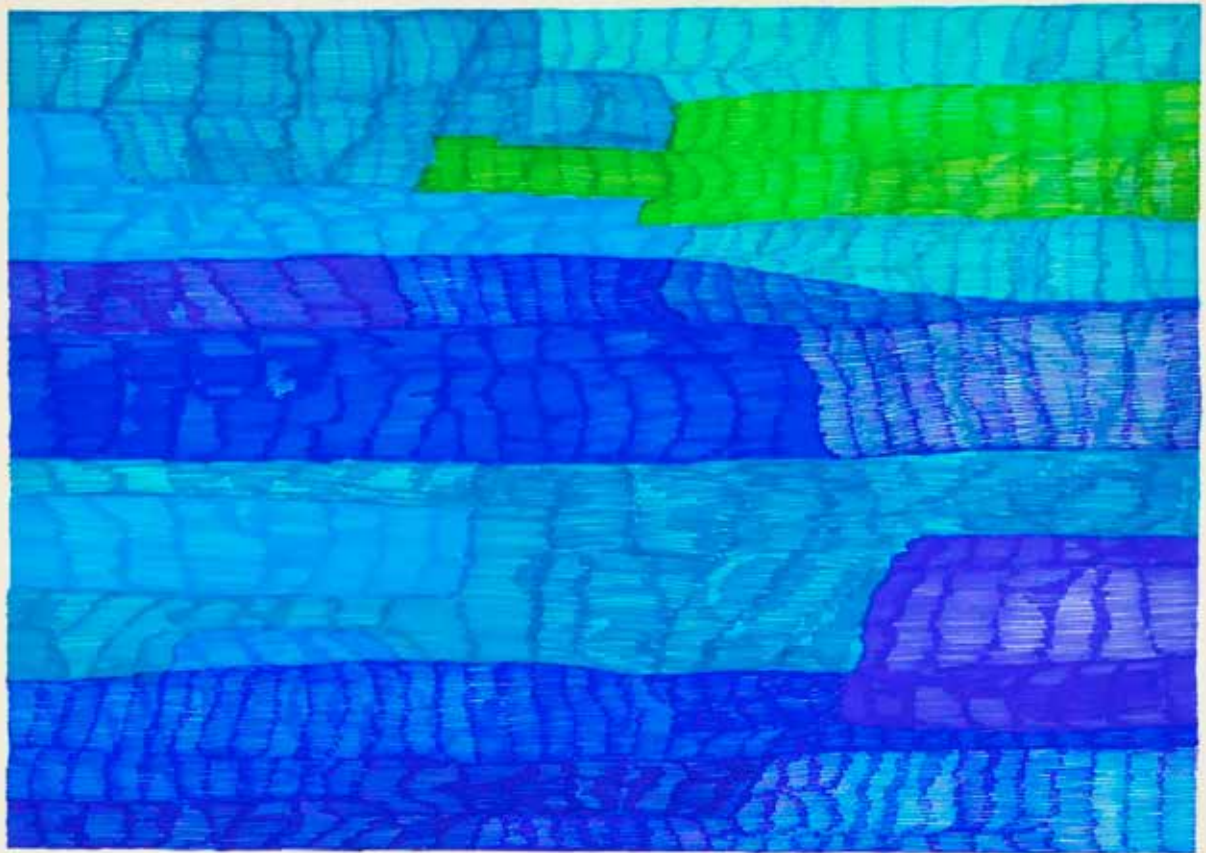


# “Sobre as linhas que juntam e dividem”. O trabalho pormenorizado de Ema M

José Gomes Pinto

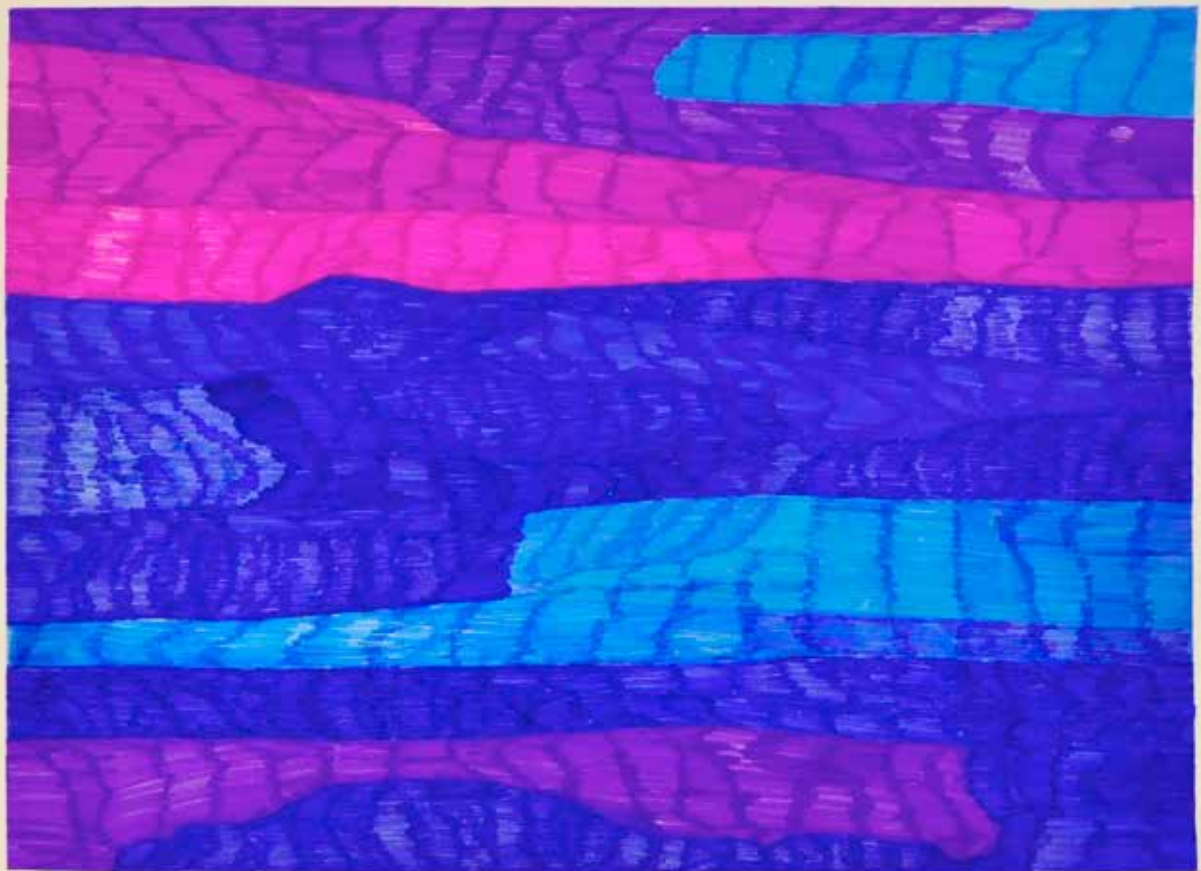
As primeiras palavras deste título pertencem a Eduardo Chillida, escultor, que ao longo da sua vida procurou pensar a relação entre a Arte e a Natureza, entre a fina linha que divide Arte e Natureza: recordemos que teve sempre o cuidado na forma de enquadrar as suas obras na Natureza, mesmo que tenha, maioritariamente, usando matérias muito distantes desta. A Paisagem é um limite ténue entre a astúcia humana e a teleologia espontânea da Natureza. A melhor forma de compreender *The faculty of desire* é pela introdução de uma narrativa histórica que nos aproxime dos ‘desenhos’ de Ema M e da sua teleologia. Todos os desenhos estão prenhes de uma tentativa de traçar insistentemente uma imagem da Natureza. Pelo traço, pelo desenho, as linhas dessa forma e as suas cores parecem fazer emergir a Natureza. E de facto, esta aparece.

Se nos lembrarmos de um dos marcos mais importantes da Teoria da Paisagem, chegaremos aos textos cruciais do amigo de Goethe, Carl Gustav Carus, que publicou *Nove Cartas sobre pintura de paisagem* em 1831 – cartas que foram escritas entre 1815-1824. Não é uma observação marginal sublinhar que Carus também era amigo íntimo de Caspar David Friedrich, tendo estudado pintura sob a sua tutela. Carus, que era um fisiologista, queria ser pintor e considerava a Pintura como uma das mais importantes conquistas da representação humana: uma totalidade dentro do ‘quadrado superficial’ e colorido de uma tela. A pintura de Paisagem, para ele, não é apenas uma forma de dar ao Ser Humano a percepção de uma totalidade, mas também o que constitui o objetivo final de todos os seres vivos: o horizonte sem fim onde a verdade deve ser encontrada e onde o conhecimento deve ser concedido. A Natureza era, nesta perspectiva, o *terminus a quo* e o *terminus ad quem* de toda constituição possível da experiência humana; seria a sua condição de possibilidade – se quiséssemos evocar Kant –, ou seja, a sua própria origem. A Paisagem, enquanto *medius terminus*, é uma verdadeira criação de uma nova visão do mundo, renascida entre o final do século XIX e o início do século XX – com uma formulação forte em Georg Simmel (1913). A Paisagem aparece como conceito que representa uma cisão com as perspectivas antigas, mais propensas a considerar a Natureza como um *principium intrinseco generationes*. Ao classificar a Paisagem como um ecrã – “ecrã” como superfície de enquadramento, plana, onde se imprime uma imagem interior que projeta uma totalidade de objetos e relações – Simmel eleva a paisagem a dimensões até então desconhecidas. E sabemos que só o Amor pode sustentar uma convicção destas. *The faculty of desire*, de Ema M, é um claro exercício deste fazer viver o Amor.



Por “projeção” pensamos aqui uma forma de representação que prolonga o sentido do meio (*media*) como uma outra fixação, um outro tipo de imagem parada. A pintura de Paisagem lida com as complexas correlações entre Saber/Ciência/Arte e Amor.

Mas o saber, enquanto equivalente de verdade, deve ser tomado no seu duplo carácter: como conhecimento (*Erkennen/Wissen*) e com saber-fazer (*Kunst/Können*), tal como o entendia Carl Carus. Para este, a possibilidade de uma representação total da Natureza deveria dar-se numa estrutura dinâmica e não apenas numa rede mental de conceitos predefinidos. A sensação deve entrar na definição de Natureza, e a pintura de Paisagem aparecerá como um conceito hermenêutico, onde diferentes discursos conceptuais se entrelaçam para formar uma nova textura de significação. Em suma, a Paisagem surge como uma forma de interpretação onde o Amor, tal como Hermes, reúne Conhecimento, Ciência e Arte. Isto é, por exemplo, o que Georg Simmel entendia por Natureza: “Por natureza entendemos a inter-conectividade infinita dos objetos, a criação e destruição ininterrupta das formas, a unidade fluida de um evento que encontra expressão na continuidade da existência temporal e espacial. Quando designamos uma parte da realidade como natureza, queremos dizer uma de duas coisas. Pode significar uma qualidade interior que distingue a arte e o artifício, de algo cognitivo ou histórico. Ou pretendemos que esta seja uma representação e símbolo daquela totalidade dos Seres cujo fluxo é audível dentro deles. Falar de ‘um fragmento da natureza’ é, de facto, uma auto-contradição”. “O cognitivo e o histórico” são aqui um exemplo completo da Pintura de Paisagem como uma configuração intertextual do desejo e de todo o desejar.



Nesta abordagem ecoa a antiga noção grega de *Physis* como o princípio de onde tudo brota por pura espontaneidade (“autómato”). A concepção grega implica que a Natureza seja o começo e o fim de toda ação humana, de todo o seu conhecimento e sensações. A Natureza é uma unidade ilimitada que requer, para Carus, tal como para os gregos e também para Simmel, uma forma específica de apreensão, contendo os elementos puros da Ciência, do Conhecimento e da Emotividade. Numa palavra, esta pressupõe uma reverberação interior do mundo externo ou uma experiência interior de um determinado indivíduo, uma *Stimmung*, ou seja, um estado de espírito, um ambiente emocional. Aqui o ambiente emocional ou estado de espírito remetem para o Amor enquanto acto de desenhar linhas e de apresentar uma totalidade através destas. Na versão de Simmel, ouviríamos: a Paisagem “exige um estatuto para si que pode ser óptico, estético ou centrado no estado de espírito (*Stimmung*)”. Nos trabalhos de Ema M em *The faculty of desire*, esta *Stimmung* significa Amor ou nele se transforma. E aparece um distanciamento único e característico do que é indivisível na unidade que é a Natureza. Cada desenho serve de ponto de passagem para a totalidade das forças da nossa própria existência na Natureza.

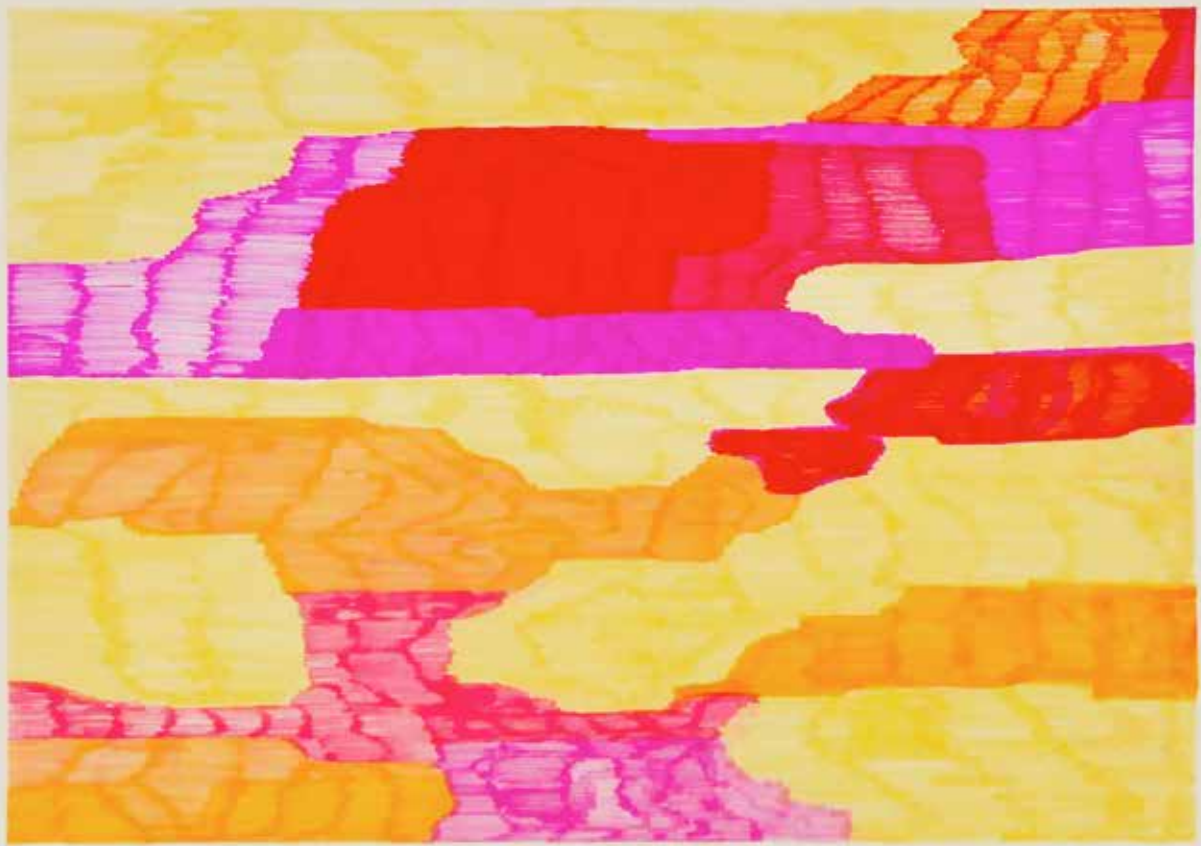


É precisamente isso que Carus tinha em mente ao afirmar que “a linguagem procura exprimir esta dimensão imensuravelmente grande com a palavra: ‘Deus’. Esta dimensão última revela-se-nos interiormente como Razão e exteriormente como Natureza”. Para Carus, “sentimo-nos parte desta revelação, como criaturas da Razão e da Natureza, e como totalidades que carregam a Razão e a Natureza dentro de nós e, deste modo, também dela participamos”.

Os desenhos de Ema M são uma evocação deste Amor, deste desejo por uma totalidade, uma forma artística e humana que cria a possibilidade de transmitirmos a unidade da própria Natureza com um *grapho* projectado que delimita espaços. Os desenhos mostram-nos uma *theoria tou kosmos*, uma forma de ver o cosmos, uma totalidade. E isto é feito através de um desenhar lento, quase infinito, de linhas que se juntam e se dividem. *The faculty of desire* faz de nós espectadores afortunados, ao contemplarmos o Amor que nos acolhe neste acto de desenhar que aponta uma totalidade natural criada apenas com linhas, como se o tempo fosse tomado como infindável. *The faculty of desire* é uma dádiva oferecida a todos por Ema M.



Giorgio Agamben sabia que estas linhas, ou que uma linha única, são o princípio do Amor, tal como podemos experienciar na sua descrição em *The Idea of Love*: “Viver na intimidade com um estranho, sem ser para o tornar próximo ou íntimo, nem para o conhecer, mas para o manter estranho, distante: inaparente, tão inaparente que seu nome o contém inteiramente. E, mesmo no desconforto, não ser outra coisa, dia após dia, do que um lugar sempre em aberto, uma luz que não se apaga naquele Ser, naquela coisa, que permanece para sempre exposto e selado”. Os desenhos de Ema M expõem e isolam a Natureza apenas com linhas, milhares de linhas que se juntam e se dividem.







# “On the line that gathers and splits”.

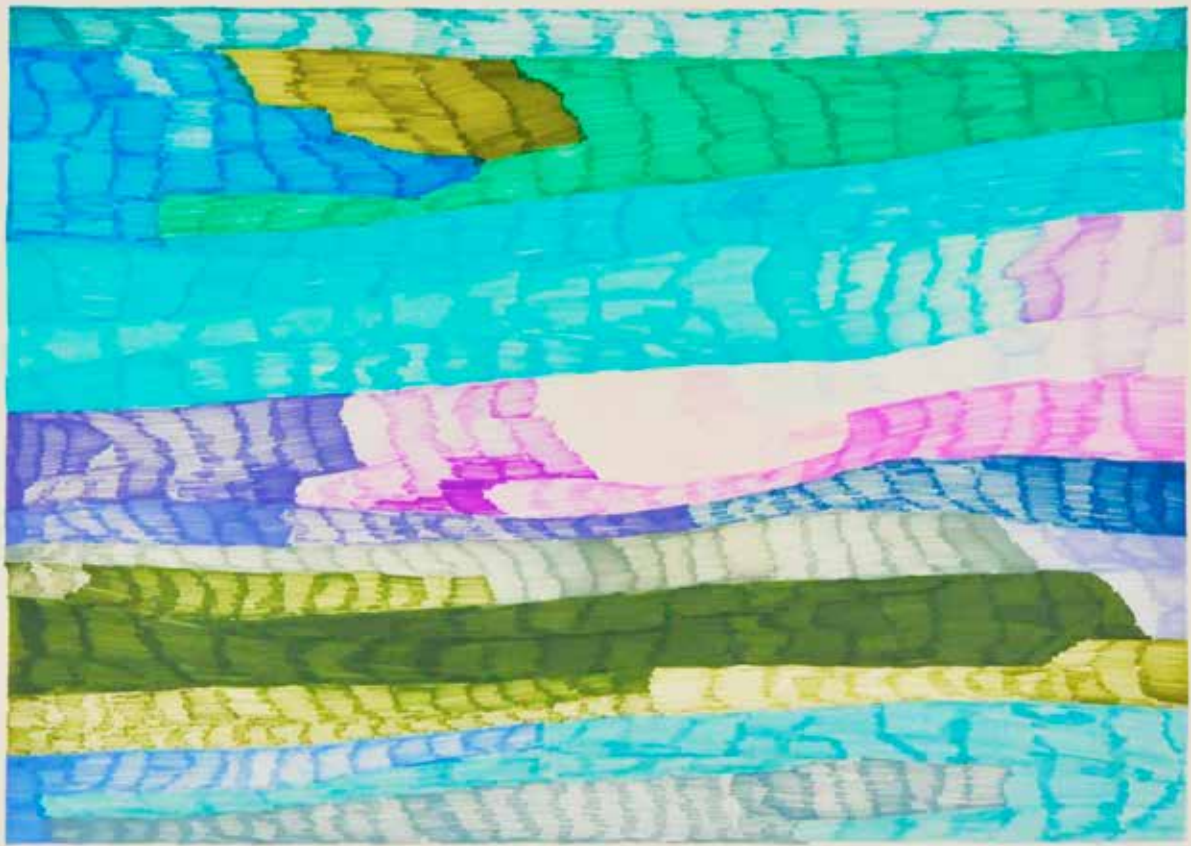
## The detailed work of Ema M

José Gomes Pinto

The first words of this title belong to Eduardo Chillida, a sculpture that all along his life reach to link a relation between Art and Nature, between the tenuous line that divides Art and Nature, always using a form of framing his art works in Nature, even though he is using a material that are too much distant from latter. Landscape Art is a kind limit between Human Cunning and Nature Spontaneous Teleology. The better way to understand *The faculty of desire* is by introducing an historic narrative that can approach to Ema M's 'drawings' and her teleology in this drawing collection. All of them are pregnant with an endeavour of tracing parsimoniously a figure of Nature by tracing, drawing lines, if form of transforming drawing lines and colours can make Nature emerge. And in fact, She emerges.



If we recall one of the most important landmarks in Landscape Theory we will reach the crucial texts of Goethe's friend, Carl Gustav Carus, who published *Nine Letters on Landscape Painting* in 1831 but that were written between 1815-1824. Is not a marginal remark stating that Carus were also Caspar David Friedrich close friend, having studied painting under his tuition. Carus, who was a physiologist, wanted to be a painter and considered it as one of the most important achievements of human representation: a totality inside a superficial coloured square of canvas. Landscape Painting as for him not only a way of giving humans a perception of a wholeness but also is what constitute the ultimate goal of all living beings: the endless horizon where truth should be found and where knowledge where to be granted. Nature was in this perspective the *terminus a quo* and the *terminus ad quem* of all possible constitution of human experience, its condition of possibility – if we evoke Kant –, so to say the very origin. Landscape, as a *medius terminus*, is a truly creation of a new worldview, reborn between the end of the XIX century and the beginning of the XX century – with a full formulation with Georg Simmel (1913). It appears as concept that represents a split with ancient perspectives, more prone to consider Nature as a *principium intrinseco generationes*. In classifying Landscape as a screen, where “screen” stands for a flat squared surface for imprinting a projected inner image of a totality of objects and relations. And we know that only love can seed such belief in any subject. Ema M's *The faculty of desire* is a clear exercise of this making love live.



By “projection means” we here aim a form of representation that prolongs the meaning of a steady fixture. Landscape painting deals with the complex correlatives between Knowing/Science/Art and Love.

But knowing, as an equivalent of truth, should be take in its twofold character: as knowledge (*Erkennen/Wissen*) and as art of know-how (*Kunst/Können*), as Carl Carus understood it. For him the possibility of a total representation of Nature should be given in a dynamic structure and not only by a mental network of concepts. Sensation should enter in Nature definition, and Landscape Painting will appear as a hermeneutic concept, where different conceptual discourses are woven together to form a new texture of signification. In brief, it emerges as a form of interpretation where Love became like a Hermes, bringing together Knowledge, Science and Art. This is, for instance, what Georg Simmel understood as Nature: “By nature we mean the infinite interconnectedness of objects, the uninterrupted creation and destruction of forms, the flowing unity of an event that finds expression in the continuity of temporal and spatial existence. When we designate a part of reality as nature, we mean one of two things. It can mean an inner quality marking it off from art and artifice, from something intellectual or historical. Or we intend it as a representation and symbol of that wholeness of Being whose flux is audible within them. To talk of ‘a piece of nature’ is in fact a self-contradiction”. The “intellectual and historical” are here a completely example of Landscape Painting as an inter-textual setting up of Desire.



This approach echoes the ancient Greek notion of *Physis* as the principle from where everything springs, pure spontaneity ('automathon'). The Greek conception entails that Nature is the beginning and the end of all human action and of all knowledge and sensations. Nature is an unbounded unity that requires, for Carus, as for Greeks and Simmel, a specific form of apprehension, containing both the pure elements of Science, Knowledge and Feeling. In a word, an inner reverberation of the external world or an inner experience of a particular individual, a *Stimmung*, a mood. Here a mood for Love, for presenting a totality through lines. Simmel version: landscape "demands a status for itself, which may be optical, aesthetic or mood-centred (*Stimmung*)". In Ema M's works in *The faculty of desire*, *Stimmung* stands for Love. Here appears a unique and characteristic detachment from what is indivisible in the unity of Nature. Each drawing serves as a transit-point for the totality of the forces of our existence in Nature.

That's precisely what Carus had in mind when stating that "Language endeavours to express this immeasurably great dimension with the word: 'God'. This ultimate dimension is revealed to us inwardly as Reason and outwardly as Nature". For Carus, we "feel ourselves to be a part of this revelation, as creatures of reason and nature ourselves, and thus also as totalities which bear reason and nature within us, and to that degree we also partake".



Ema M's drawings are an and evocation of this love, this longing for a wholeness, an artistry human form which creates the possibility for us to convey the unity of Nature itself in a projective grapho that delimitates spaces. They show us a *theoria tou kosmos*, a form of seeing the cosmos. And this is made by a slow, almost infinite drawing of "lines that gathers and splits". The *The faculty of desire* make us the lucky spectators of the love that shelters us in drawing by point to a totality only with lines, like if time was taken as infinite. *The faculty of desire* is a gift drawn to us by Ema M.

Giorgio Agamben knew that these lines, or only a line, is the beginning of love as we can experience in his description in *The Idea of Love*: "To live in intimacy with a stranger, not in order to draw him closer, or to make him known, but rather to keep him strange, remote: unapparent-so unapparent that his name contains him entirely. And, even in discomfort, to be nothing else, day after day, than the ever open place, the unwaning light in which that one being, that thing, remains forever exposed and sealed off". Ema M's drawings exposed and sealed off Nature using only lines, thousands of "lines that gathers and split".





# Sobre o desejo de riscar e ser azul

Margarida Prieto

**D**esenhar é riscar, e o risco é feito com um utensílio que regista. A mão traduz o pensamento utilizando este utensílio, neste caso, uma caneta com ponta de feltro, cuja cor flui no contacto com a folha de papel.

**O** desejo pelo riscar é o desejo por um desenho que está por vir, que ainda não sendo, quer ser, quer existir.

**E**stes dezassete desenhos existem porque o risco que os desenhou tinha muita vontade de se manifestar.

Há um mistério profundo em querer riscar e, nesse movimento, gerar um desenho. No princípio, o desenho ainda nem sequer é ideia mas o risco começa, agita-se e as cores das canetas-de-feltro deixam a sua marca no papel. Gestos pequeninos ou risquinhos justapostos, nervosos e rápidos, concentram-se numa mancha de cor única, gestos fluídos e mais lentos provocados pela estreia de uma caneta, deixam uma marca aguada, diluída e densa que define uma outra mancha. A cada mancha feita de riscos estabelece-se um novo território de cor. A caneta conquista o papel embebendo-o de pigmentos coloridos. Há desenhos quase exclusivamente azuis onde o ultramarino, o celeste, o sèvre, o real, o pthalo e o prússia consentem uma cor de outra família tonal. Às vezes é o verde, outras, o magenta. Mas o azul, num tom específico, também se aventura por territórios onde outras cores imperam, ou fica escondido numa folha diferente e aparentemente ausente. Esta ausência é aparente porque nos desenhos vermelhos há roxos e castanhos – cores onde participa estruturalmente. Porque o roxo resulta do vermelho com o azul, assim como o castanho resulta do vermelho com azul e amarelo.



Ver estes desenhos permite compreender a potência de riscar com canetas-de-feltro. Mesmo que o risco seja sempre feito na mesma direcção, organizado, ritmado, insistente e incansável, a sobreposição do risco desenha, por si mesma, uma linha sinuosa que contraria a direcção do gesto. Assim, o desenho desenha-se numa rebeldia contra o gesto primeiro. Ao riscar na horizontal, desenha linhas na vertical. Ao riscar na vertical, desenha linhas na horizontal. Constitui-se uma trama, uma grelha visual que mistura o gesto intencional e um outro, auto gerativo. As manchas acontecem como se espontaneamente e alinhadas. Como se desenhassem um mundo – uma cosmogonia – para deleite do nosso olhar. É um mundo organizado, limpo, estruturado. Parece-se quase com uma paisagem, mas é na verdade, o mundo do desenho. E cada folha desvela esse mundo, num desenho que nasce do desejo de riscar e ser azul.





# On the desire to scratch and be blue

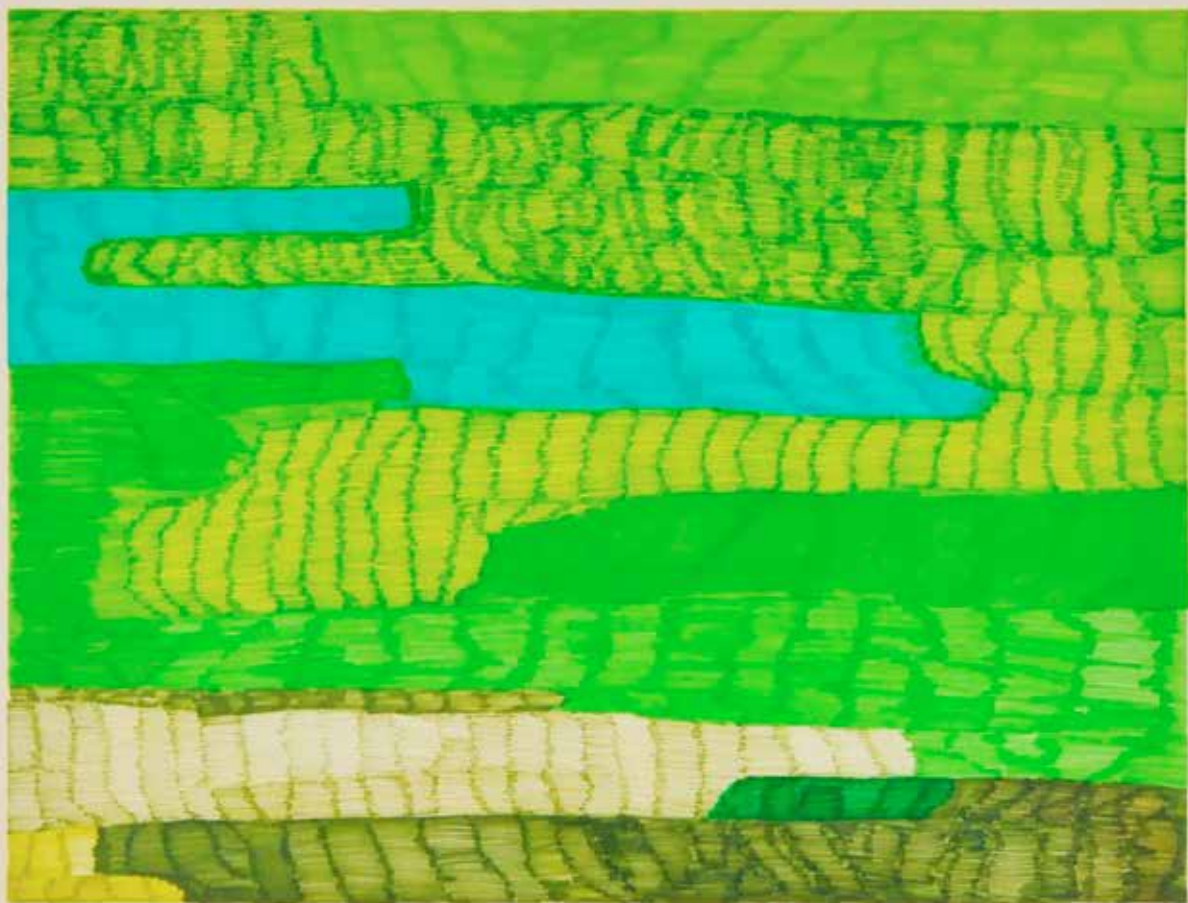
Margarida Prieto

To draw is to scratch, and the scratch is made with a tool that records. The hand translates the thought using this utensil, in this case, a felt-tipped pen, whose colour flows in contact with the sheet of paper.

The desire to scratch is the desire for a drawing that is yet to come, that not yet exists, wants to be, wants to exist.

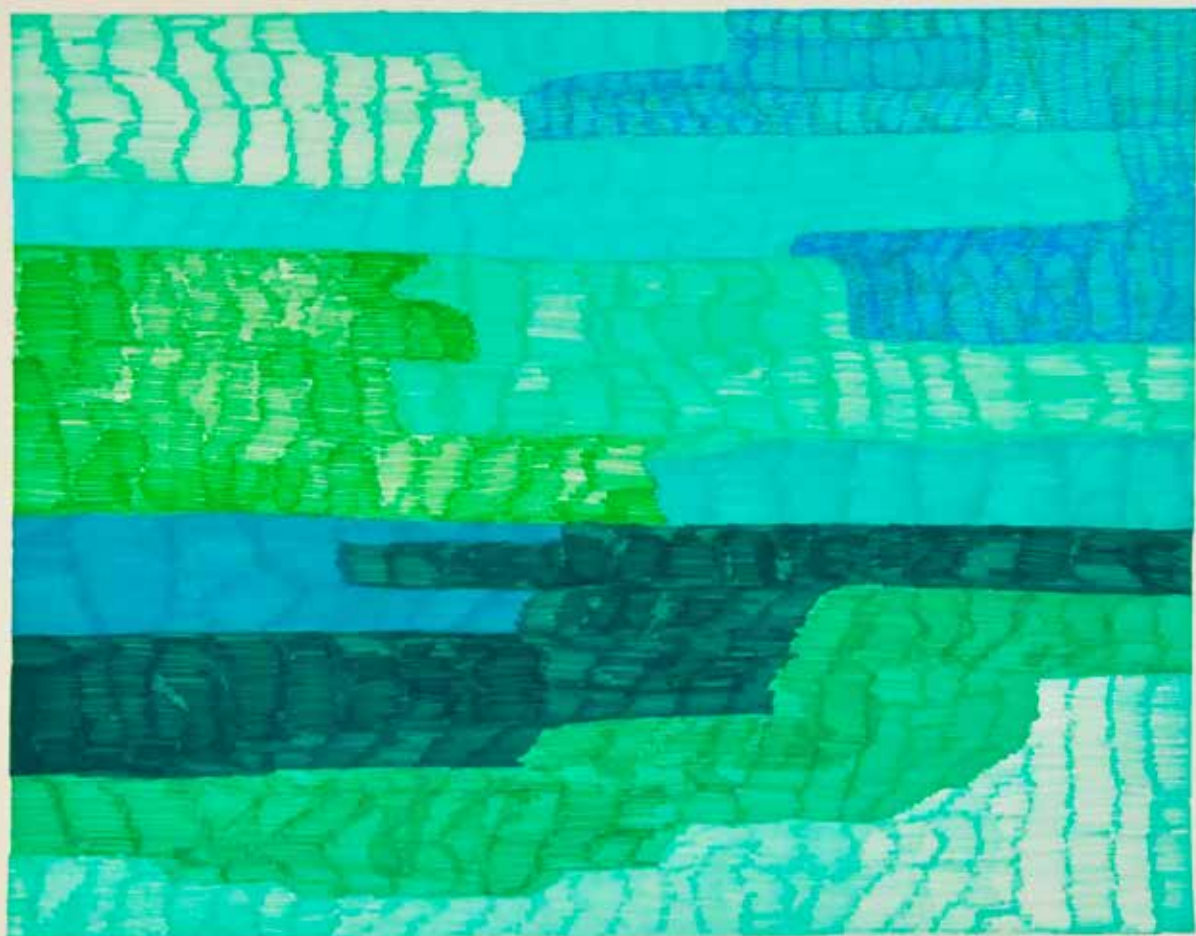
These seventeen drawings exist because the risk that drew them had a great desire to manifest itself.

There is a deep mystery in wanting to scratch and, in that movement, generate a drawing. At first, the drawing is not even an idea, but the scratch begins, it stirs and the colours of the felt-tip pens leave their mark on the paper. Small gestures or juxtaposed scratches, nervous and quick, concentrate in a single coloured stain, fluid and slower gestures provoked by the debut of a pen, leave a watery, diluted and dense mark that defines another stain. With each stain made of scratches, a new territory of colour is established. The pen conquers the paper by soaking it in coloured pigments. There are almost exclusively blue designs where ultramarine, celestial, sèvre, royal, phtalo and prussian consent to a colour from another tonal family. Sometimes it is green, sometimes magenta. But blue, in a specific tone, also ventures into territories where other colours reign, or is hidden in a different and apparently absent leaf. This absence is apparent because in the red drawings there are purples and browns – colours in which it participates structurally. Because purple is the result of red and blue, just as brown is the result of red and blue and yellow.

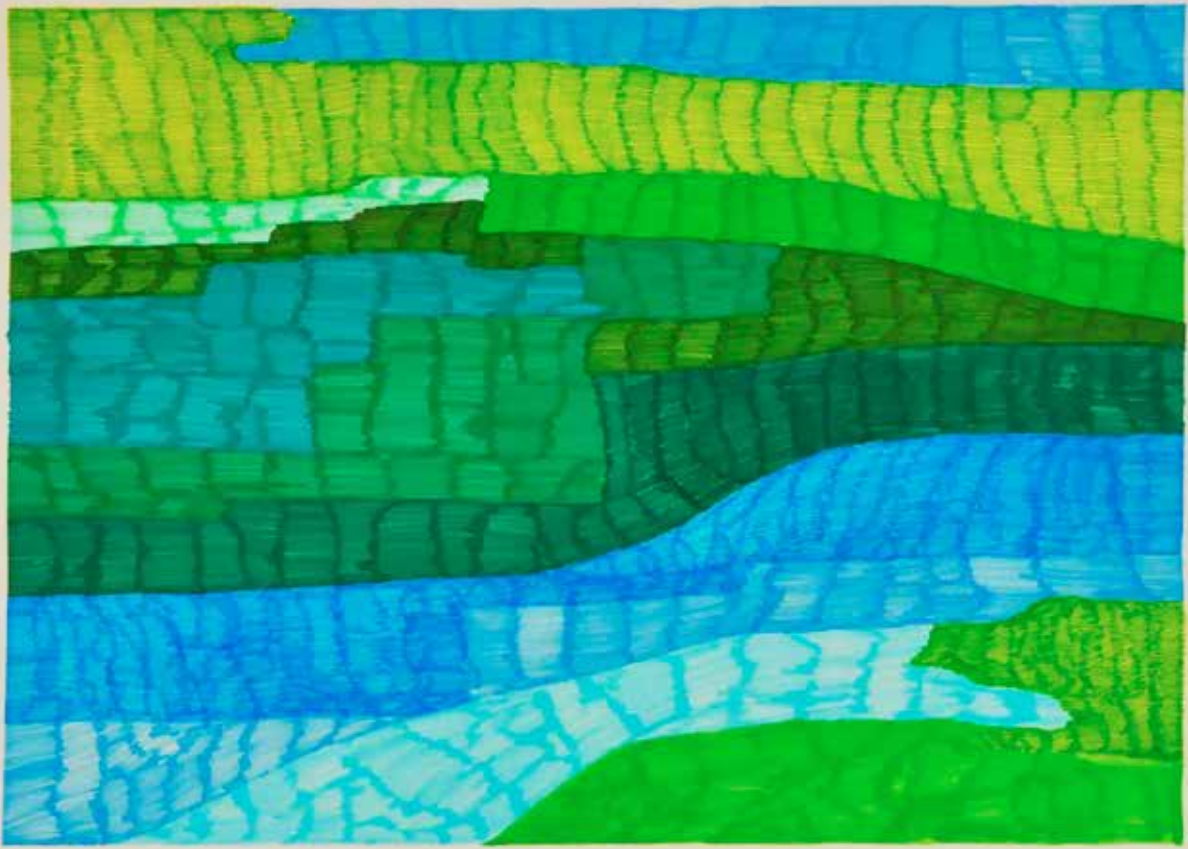


Seeing these drawings allows us to understand the power of scratching with felt-tip pens. Even if the scratch is always made in the same direction, organised, rhythmic, insistent and tireless, the overlapping of the scratch draws, in itself, a sinuous line that contradicts the direction of the gesture. Thus, the drawing is drawn in rebellion against the first gesture. By scratching horizontally, it draws lines vertically. By scratching vertically, it draws lines horizontally. A plot is formed, a visual grid that mixes the intentional gesture and another, self-generated one.

The spots happen as if spontaneously and aligned. As if they were drawing a world – a cosmogony – to delight our gaze. It is an organised, clean, structured world. It looks almost like a landscape, but it is actually the world of drawing. And each sheet reveals this world, in a drawing that is born from the desire to scratch and be blue.







# Margarida Prieto / Ema M

Torres Vedras, 1976 .

Artista, professora na Universidade Lusófona e investigadora na Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, Centro de Investigação e de Estudos em Belas-Artes (CIEBA), Largo da Academia Nacional de Belas-Artes, 1249-058 Lisboa, Portugal).

Artist, professor at Lusófona University and researcher at the University of Lisbon, Faculty of Fine Arts, Centre for Research and Studies in Fine Arts (CIEBA), Largo da Academia Nacional de Belas-Artes, 1249-058 Lisbon, Portugal).

<http://ema-m.blogspot.com/>

# José Gomes Pinto

**D**outoramento em Filosofia: Estética e Teoria da Arte (2002).

**L**ecciona na Escola de Artes, Arquitetura, Artes e Tecnologias da Informação da Universidade Lusófona de Lisboa e do Porto. Em 2016 concluiu a sua Agregação em Ciências da Comunicação na Universidade do Minho. Vice-Diretor da ECATI, ULusófona, desde 2012. Professor convidado da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa desde 2012. Professor convidado na Universidade de Salamanca, e na Universidade de Évora. Responsável pelo Programa de Doutoramento em 'Media Art'. Em 2007 foi bolseiro de pós-doutoramento na Universidade Humboldt, Faculdade de Filosofia, Seminário Medienwissenschaft, sob a supervisão do Prof. Friedrich A. Kittler. Vice Presidente da Associação Portuguesa de Comunicação. Investigador no CICANT.

**P**h.D in Philosophy: Aesthetics and Art Theory (2002).

**T**eaches in the School of Arts, Architecture, Arts and Information Technologies at Lusophona University, Lisbon and Oporto. In 2016 is had accomplished his Habilitation in Communication Sciences at Minho University. Vice-Dean ECATI, ULusófona, since 2012. Guest Professor at Fine Arts Faculty, Lisbon University since 2012. Guest Professor at Salamanca University and at Évora University. Head of PhD Program in 'Media Art'. In 2007 he was a visiting post-doctoral fellow at Humboldt University, Faculty of Philosophy, Medienwissenschaft Seminar, under the supervision of Prof. Friedrich A. Kittler. Vice-President of the Portuguese National Association of Communication. Investigator at CICANT

**E**ste Livro de Artista documenta parte de uma exposição intitulada *Sob o mesmo tecto* e realizada por Teresa Palma Rodrigues e Ema M especificamente para a Casa d' Avenida, Setúbal, em 2023.

**E**sta série de desenhos intitula-se *The faculty of desire*. Todos são realizados a canetas de feltro sobre papel de algodão antigo, com 50x65 cm, carimbados, assinados e datados no verso.

**T**his Artist Book documents part of an exhibition entitled *Under the same roof* conceived by Teresa Palma Rodrigues and Ema M specifically for Casa d' Avenida, Setubal, in 2023.

**T**his series of drawings is entitled *The faculty of desire*. All are made in felt-tip pens on antique cotton paper, 50x65 cm, stamped, signed and dated on the back.

Obras | *Works*

Ema M, *The faculty of desire (Série)*, 2022  
canetas de feltro sobre papel de algodão antigo, 50x65 cm

Ema M, *The faculty of desire (Série)*, 2022  
felt-tip pens on antique cotton paper, 50x65 cm

Texto | *Text*

José Gomes Pinto:

“Sobre as linhas que juntam e dividem”. O trabalho pormenorizado de Ema M  
*“On the line that gathers and splits”. The detailed work of Ema M*

Margarida Prieto:

Sobre o desejo de riscar e ser azul  
*On the desire to scratch and be blue*

Tradução | *Translation*

José Gomes Pinto

DeepL Translate

Margarida Prieto (revisão)

Fotografia | *Photography*

Rui Macedo e Ema M

Agradecimentos | *Thanks*

José Batista Marques

Design

Ema M, 2023

Impressão | *Print*

Grafivedras, Outubro de 2023

Editor | *Publisher*

Universidade de Lisboa. Faculdade de Belas-Artes

ISBN: 978-989-8944-98-6

Depósito Legal: 522832/23

Este livro foi impresso em *Garamond* sobre papel *munken pure* de 170 g/m<sup>2</sup>.

Tem uma tiragem de 40 exemplares, assinados e numerados.

*This book is printed with Garamond on 170 g/m<sup>2</sup> munken pure paper.*

*It has a print run of 40 copies, signed and numbered.*

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UIDB/04042/2020

Casa <sup>d'</sup>Avenida

$\frac{b}{a}$

cieba

belas-artes  
ulisboa

**fct**  
Fundação  
para a Ciência  
e a Tecnologia



“Os desenhos de Ema M são uma evocação deste Amor, deste desejo por uma totalidade, uma forma artística e humana que cria a possibilidade de transmitirmos a unidade da própria Natureza com um *grapho* projectado que delimita espaços. Os desenhos mostram-nos uma *theoria tou kosmos*, uma forma de ver o cosmos, uma totalidade. E isto é feito através de um desenhar lento, quase infinito, de linhas que se juntam e se dividem. *The faculty of desire* faz de nós espectadores afortunados, ao contemplarmos o Amor que nos acolhe neste acto de desenhar que aponta uma totalidade natural criada apenas com linhas, como se o tempo fosse tomado como infundável. *The faculty of desire* é uma dádiva oferecida a todos por Ema M.”

José Gomes Pinto *in* “Sobre as linhas que juntam e dividem”. O trabalho pormenorizado de Ema M

“Ema M’s drawings are an and evocation of this love, this longing for a wholeness, an artistry human form which creates the possibility for us to convey the unity of Nature itself in a projective grapho that delimitates spaces. They show us a *theoria tou kosmos*, a form of seeing the cosmos. And this is made by a slow, almost infinite drawing of “lines that gathers and splits”. The *The faculty of desire* make us the lucky spectators of the love that shelters us in drawing by point to a totality only with lines, like if time was taken as infinite. *The faculty of desire* is a gift drawn to us by Ema M.”

José Gomes Pinto *in* “On the line that gathers and splits”. The detailed work of Ema M.

“O desejo pelo riscar é o desejo por um desenho que está por vir, que ainda não sendo, quer ser, quer existir.”

Margarida Prieto *in* *Sobre o desejo de riscar e ser azul*

“The desire to scratch is the desire for a drawing that is yet to come, that not yet exists, wants to be, wants to exist.”

Margarida Prieto *in* *On the desire to scratch and be blue*